



ISSN 2177-7365

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

13

Reitora

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Vice - Reitor

Prof. Dr. Ludoviko Carnascialli
dos Santos

Curadora do Museu

Profª Drª Regina Célia Alegro

Coordenação Geral

Profª Drª Regina Célia Alegro

Editores

Profª Drª Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Comissão Executiva

Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Foto capa

Xilogravura | Série : O Rapto da
Mulher Dama e o Demônio
Autor: Paulo Mentem

Fotos Contra capa

Rui Cabral - Acervo MHL

Projeto Gráfico

Rei Santos

Impressão

Gráfica e Editora Planográfica
Junho de 2016

Fonte

Myriad Pro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 –

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade Estadual de Londrina.
4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Este boletim foi publicado como parte integrante do **Projeto Educação Patrimonial**, financiado **pelo Programa Municipal de Incentivo a Cultura – PROMIC**, e coordenado pelo Prof. Dr. Leandro Henrique Magalhães.

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Financiamento



Realização



Apoio



SUMÁRIO

Apresentação

Regina Célia Alegro 07

1. Projeto

1.1. Exposição da Máquina Classificadora de Café Arthur Thomas
no prédio do antigo IBC 08

2. Exposições

2.1. Terras do Norte: 90 anos 09

2.2. Feira DOBRA de Arte Impressa 11

2.3. XIX Salão Nacional de Arte Fotográfica no Museu
Histórico de Londrina
Felipe Augusto Leme de Oliveira 12

3. Artigos

3.1. Nordestinos no acervo do Museu Histórico de Londrina
Aryane Kovakcs Fernandes
Pedro Henrique Cezar 13

3.2. O rapto da mulher dama e o demônio: a presença e a influência da
cultura nordestina na obra de Paulo Menten
Raphael Soares Mentem 26

3.3. Um nordestino no coração da Sergipe
Ritielly Gouvea Melo
Felipe Augusto Leme de Oliveira 30

4. Entrevista

4.1. Raimundo Maia Campos Jr. 33

5. ASAM

5.1. Ibram/MinC publica normativa sobre Associações
de Amigos de Museus 37

Londrina orgulha-se da diversidade de nacionalidades que estão na sua origem, recebeu imigrantes oriundos de 33 países ainda na década de 1930. Quanto aos brasileiros, a memória da cidade tem enfatizado a presença de paulistas e mineiros. Sabe-se que devido aos efeitos do Convênio de Taubaté, o norte do Paraná tornou-se atrativo para produtores de café de São Paulo e Minas Gerais. Além destes, pouco se conhece sobre a participação de nacionais no processo de formação da cidade, assim como pouco se sabe sobre os povos indígenas originários e os caboclos que ocupavam a região antes da chegada da Companhia de Terras.

Nesse Boletim destaca-se a presença de nordestinos em Londrina reconhecendo que o tema ainda está cercado de silêncio. Suspeitamos que além dos que chegavam à cidade procedentes de Estados do nordeste, entre os paulistas e mineiros foram agrupados muitos nordestinos em trânsito. Segundo o livro “Dr. Góes: a Saga de um Nordestino”, o empobrecimento crescente na segunda metade da década de 1920 até a seca de 1932, assim como a ação de cangaceiros e coiteiros no nordeste, a linha férrea que ligava São Paulo ao Paraná e a propaganda da CTNP estavam entre as motivações para a vinda de nordestinos para o Paraná e Londrina. Esses motivos se multiplicaram com o crescimento da cidade.

Londrina tem apenas 81 anos e é preciso reconhecer, do ponto de vista da memória, os diferentes sujeitos dessa experiência e constituir múltiplas narrativas que possam expressar a riqueza e complexidade que dão vida à cidade. Neste sentido apontam os artigos publicados nesse número: Aryane Kovacs Fernandes e Pedro Henrique Cezar descrevem a coleção do Museu Histórico sobre o assunto; Ritielly Gouvea Melo e Felipe Augusto Leme de Oliveira destacam um personagem simpático e muito conhecido da Rua Sergipe, o Verinha. Raphael Soares Mentem trata da presença e da influência da cultura nordestina na obra de Paulo Mentem, por quem temos tanto apreço. Ainda, temos a entrevista com Raimundo Maia Campos Jr., o Ceará.

Nossos agradecimentos pela parceria, ao Projeto Educação Patrimonial, desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Social, Pesquisa e Ensino – INDESPE, com apoio do Centro Universitário Filadélfia – UniFil, e financiado pelo Programa Municipal de Incentivo a Cultural – PROMIC. Agradecimentos especiais ao Prof. Dr. Leandro Henrique Magalhães.

Regina Célia Alegro
Museu Histórico de Londrina

1. PROJETO

1.1. Exposição da Máquina Classificadora de Café Arthur Thomas no prédio do antigo IBC

O objetivo desse projeto que tem o apoio financeiro do PROMIC/Londrina, é a desmontagem, traslado, recuperação, montagem e exposição de máquina classificadora de café que pertenceu a Mr. *Arthur Hugh Miller* Thomas e recuperação e montagem de peças do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC) em Londrina em vista da constituição de exposição no galpão do antigo IBC.

A família Vezzoso, em Londrina, adquiriu e conservou uma máquina classificadora de café que pertenceu a Mr. Arthur Thomas. No entanto, a família Vezzoso está doando para o Museu Histórico de Londrina essa peça hoje rara. Não basta apenas retirá-la do lugar onde se encontra – Fazenda Primavera – mas, pela sua “trajetória” e pela importância que o café assume na memória de Londrina, é preciso colocá-la à disposição da população como objeto lugar de memória, como definiu Pierre Nora (1993).

Por outro lado, o governo federal já há alguns anos repassou à posse da Universidade Estadual de Londrina, um galpão do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC) localizado na Av. do Café, nessa cidade. É lá que o Museu Histórico de Londrina mantém sua reserva técnica e foi lá que recentemente foi restaurada a locomotiva Baldwin com o apoio do PROMIC.

Nesse galpão estão guardadas algumas peças usadas pelo antigo IBC, testemunhas da época do ouro verde. Essas peças precisam de reparos para a sua conservação, pois estão sob a ameaça dos danos que o tempo provoca. O Museu Histórico de Londrina aguarda há tempos as condições para organizar naquele espaço uma exposição sobre o antigo IBC e o café em Londrina.

Diante desse quadro, o projeto contempla a:

- a) desmontagem e traslado da máquina classificadora para o galpão do antigo IBC na Av. do Café;
- b) montagem da máquina classificadora no galpão do antigo IBC na Av. do Café;
- c) pesquisa acerca da máquina classificadora bem como sobre as peças conservadas no galpão do IBC;
- d) recuperar danos na máquina classificadora e nas máquinas do antigo IBC hoje depositadas no galpão da Av. do Café sob a guarda do Museu Histórico de Londrina;
- e) organizar exposição das peças recuperadas com a temática do café e do IBC. Essa exposição seria o embrião do Memorial do Café, que será organizado num futuro próximo.

Espera-se que o trabalho restitua a integridade física, estética e histórica, contribuindo para a preservação documental da história de Londrina e da região norte do Paraná, bem como facilite a pesquisa e a fruição relativa ao café em Londrina.

Esse projeto foi apresentado ao PROMIC pela ASAM – Associação de Amigos do Museu Histórico de Londrina.

2. EXPOSIÇÃO

2.1. Terras do Norte: 90 anos

O Paraná era sinônimo de confiança e otimismo no início do século passado. Um relatório de Governo de 1921 afirmava: "Território vastíssimo de terras fertilíssimas..., de um clima ameno e salubérrimo, desde a apurada terra roxa da zona norte e oeste...até as férteis planícies. O Paraná precisa apenas de braços fortes e inteligentes que desbravem seus sertões e que transforme em searas verdejantes seus magníficos campos". E prosseguia: "Certo, em nenhuma outra parte da Terra o homem encontrará elementos tão favoráveis ao seu bem estar, como no Paraná. A prova disso são as colônias que aqui se fundaram, ...reinando em todas a mais completa abundância e prosperando todas à sombra de nossas libérrimas leis". Era uma época de grandes planos de viação, concessão de terras devolutas e regulamentação visando o "povoamento".

A possibilidade atual de acesso a farto material documental e iconográfico tem permitido aprofundar as pesquisas sobre o Norte do Paraná. Assim, muito do que se pesquisou e concluiu sobre o papel das companhias colonizadoras pode ser revisto.

Um "Mapa do Estado" de 1912 trazia um conjunto de estudos de ferrovias e estradas. Procuravam ligar o litoral, via capital, aos principais eixos acompanhando os rios do Estado. Resultariam em decretos de concessões.

Este ano faz noventa anos de assinatura da escritura de compra e venda de terras devolutas entre o Governo do Estado, a Cia Marcondes de Colonização e a Companhia de Terras Norte do Paraná. Em Outubro de 1925, a CTNP adquiriu 350 000 alqueires a 8\$000 o hectare e a Cia Marcondes 38 842 alqueires em terras limitrofes.

A Cia Marcondes é pouco conhecida entre nós. A imagem que se construiu é de uma empresa que desapareceu sem condições de levar seu empreendimento adiante. Criada em 1920, a Cia Marcondes iniciou suas atividades com a colonização da gleba Montalvão SP, onde implantou núcleos ao longo da Sorocabana. No Paraná, conseguiu em 1922 a concessão de ferrovia e área de terras devolutas, não alienáveis. Ficava entre os rios Tibagi, Paranapanema, Paraná e Ivaí. Ainda em 1925, solicita a demarcação das terras Pirapó e Bandeirantes. Somente as terras já vendidas ou reservadas foram consideradas.

O fato é que, em meados de 1925, um Inspetor de Terras foi enviado para a região de Presidente Prudente SP e vale do Pirapó PR para avaliar as atividades da Cia Marcondes. Fica impressionado com a qualidade dos trabalhos de divisão de lotes, criação de núcleos e construção de estradas. No lado paranaense, havia aberto picadas nas duas margens do Pirapó e comercializado as terras na margem direita. Isto tudo antes da chegada da CTNP.

Várias outras concessões de terras estavam em fase de demarcação e legitimação de títulos. Assim, a afirmação usual de pioneirismo, determinação, racionalidade e genialidade única da Companhia de Terras Norte do Paraná merece ressalvas. A intensa propaganda da Companhia onde destacava os títulos legítimos, a fertilidade, água em abundância e passagem de trem gratuita eram, na essência, condições impostas pela regulamentação oficial. O mesmo pode-se dizer sobre os acessos, a formação de núcleos e suas sedes e dimensão de lotes.

Um mapa com a seqüência de terras transferidas para a CTNP mostra que, foram incorporadas terras a leste, a partir do módulo inicial de 1925. Visavam adequar à estratégia de governo, de ligação da capital ao Paranapanema.

Os mapas são representações e permitem várias interpretações. A exposição Terras do Norte: 90 anos, realizada atualmente no Museu Histórico de Londrina traz cerca de vinte mapas inéditos. Mapas de viação, de concessão de terras, de expedições e de aquisição de terras fazem parte do conjunto. Outros empreendimentos nas margens do Paranapanema e Tibagi tiveram papel não menos importante na definição do caráter da paisagem regional.

Humberto Yamaki

*Coordenador do Laboratório de Paisagem UEL
yamaki@ymail.com*

2.2. Feira DOBRA de Arte Impressa

Uma das principais atividades do III Ciclografias, a Feira DOBRA de Arte Impressa ocorreu no feriado do dia 7 de setembro, no Museu Histórico de Londrina.

O evento *III Ciclografias: imagina se pega no olho*, um circuito de artes gráficas e visuais concebido pela Vila Cultural Grafatório e que, nesta terceira edição, conta com o patrocínio do PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura. Reuniu artistas de diversas áreas para trocar e comercializar suas obras com o público. Pequenas editoras, gravuristas, quadrinistas, escritores, fotógrafos, artistas gráficos, zineiros e outros se reuniram no Museu entre as 11h e às 19h.

A Feira Dobra de Arte Impressa colocou Londrina em um circuito de feiras que, há alguns anos, vem conquistando público pelo Brasil. Exemplos desse tipo de feira são a Feira Plana (SP), a Tijuana (SP), a Pão de Forma (RJ), e a Parada Gráfica (RS).

Participaram da Feira DOBRA de Arte Impressa os seguintes artistas, editoras e projetos: Norte (SP), Editora Tonto (RS), SINTA-SE-SINTA (Londrina), Alaialaica (Londrina), Sabrina Gevaerd (Brusque), O QUE VOCÊ QUEER (BH), Fiedler (Curitiba), Metal Encontra As Nuvens (Londrina), Olho Vivo (Londrina), Desvio Cromático (Londrina), PhD Galeria (SP), Coletivo Efêmera (SP), Vaga Certa (Niterói), O_mito (Curitiba), Lote 42 (SP), Comida di Butequim (Londrina), Primeiro Elemento (Londrina), O Livro do Cosmonauta (Belo Horizonte), levemeleve (Londrina), 1508201540320789 (Londrina), Por Dentro (SP), Jornal RelevO (Curitiba), Quarto Adentro (Londrina), Haikai (Volta Redonda), Ruínas (Curitiba), isocircus (Londrina), O Livro de Histórias Montáveis (Rio de Janeiro) e Astronave de Papel (Londrina).

Além disso, a feira contou com uma programação paralela durante todo o evento. Às 14h, o lançamento do livro “É de Sonho e de Pó”, com fotografias inéditas do fotógrafo Carlos Stenders, que retratou as primeiras décadas da colonização de Londrina.

Às 15h, Guilherme Gerais compartilhou com o público algumas de suas reflexões sobre o tema “Fotolivros”. Às 16h, artistas da cidade participaram de um encontro para mostrarem seus cadernos pessoais e livros de artista.

Às 16h30 foi lançado o livro “INDIE.GESTÃO”, editado pelo Ja.Ca (espaço cultural de Belo Horizonte), e que trata sobre gestão de espaços culturais independentes. Às 17h, o designer gráfico mineiro Ricardo Portilho participou de uma conversa aberta com o público e, fechando a programação, às 18h, o designer Pedro Pinotti integrou um bate-papo com o historiador Rogério Ivano sobre o tema “Zines Ontem, Zines Hoje”.

2.3. XIX Salão Nacional de Arte Fotográfica no Museu Histórico de Londrina

Em 28 de novembro foi aberto o XIX Salão Nacional de Arte Fotográfica – Foto Clube Londrina – 2015. No salão participaram 15 fotoclubes brasileiros, com 89 fotos, sendo 10 delas premiadas, sendo 3 medalhas (ouro, prata e bronze) e 7 menções honrosas. Os três primeiros colocados são: Medalha de Ouro: *A lá Bolshoi*, de Ricardo Sena (Confraria Fotográfica). Medalha de Prata: *Dia de Chuva*, de Giuseppe Fiorentino (Confraria Fotográfica) e Medalha de Bronze: *Crianças Festeiras*, de Ana Taemi (Grupo Luminous).

Acolher um salão nacional de arte fotográfica é importante para o Museu, pois conta com a participação de associados de fotoclubes nacionais e de concorrentes avulsos sem vinculação clubística. É uma oportunidade de debater e apreciar a arte e a técnica fotográfica.

As 120 fotos expostas – 31 de fotógrafos locais que não concorreram aos prêmios – compõem o Catálogo do XIX Salão Nacional de Arte Fotográfica do Foto Clube de Londrina.

O Foto Clube de Londrina, nos seus 44 anos de atividades ininterruptas como um importante centro da fotografia artística amadora brasileira, construiu uma história de formação, estudos e debates. Além das atividades desenvolvidas regionalmente, como palestras, cursos, caminhadas fotográficas, apresentações, concursos internos e troca de idéias sobre fotografia, tem se constituído, através da participação de seus associados em exposições e certames nacionais e internacionais. Com isto, tem projetado Londrina, pela qualidade de arte fotográfica produzida no município, pelos debates aqui estabelecidos, pela preservação da fotografia como patrimônio cultural.

O primeiro salão fotográfico promovido pelo Foto Clube de Londrina aconteceu em 1972 e o penúltimo em 1998, quando havia menos de vinte fotoclubes em atividade no Brasil. À época o fotoclubismo entrou num período de crise e os salões nacionais se tornaram uma raridade. Com o surgimento e popularização da fotografia digital, no Brasil os fotoclubes chegam hoje a quase uma centena e o Foto Clube de Londrina decidiu promover novamente seus Salões Nacionais de Arte Fotográfica.

Felipe Augusto Leme de Oliveira

3. ARTIGOS

3.1. Nordestinos no acervo do Museu Histórico de Londrina

*Aryane Kovacs Fernandes¹
Pedro Henrique Cezar²*

Resumo: Apresenta itens da coleção do Museu que tratam da presença nordestina em Londrina.

Palavras-chave: Museu Histórico Londrina; Nordestinos em Londrina; Memória.

O presente artigo tem como objetivo comunicar referências a nordestinos localizadas no acervo do Museu Histórico de Londrina.

No setor de Imagem e Som encontramos algumas fotografias e entrevistas gravadas relacionadas à presença nordestina na região de Londrina e proximidades. Sendo assim, as referências são: a família Palhano vinda do Maranhão; Meton Araújo e Raimundo Maia Campos Junior, do Ceará; Dalton Paranaçu do Piauí; os irmãos Geir, Elizabeth e Joelina da Silva, de Sergipe; Gilberto Rodriguez da Cruz, Maria Nilza da Silva e Maria Soares de Jesus, de Pernambuco.

Na coleção da família Palhano há fotografias posadas pelos irmãos e também algumas que os mostram na travessia do Rio Tibagi, cavalgando, em estradas abertas em meio a mata, desatolando automóvel da lama e em suas moradias. Além de fotos que revelam a imensidão da mata, vendo-se muitas árvores de palmito. Algumas delas foram produzidas na década de 1920, portanto antes da chegada da CTNP. Abaixo uma das fotos presentes na coleção:



Irmãos Palhano atravessando o Rio Tibagi de balsa. Década de 1920 | Autor: Desconhecido | Acervo MHL

¹Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Estudante da especialização em Patrimônio e História - UEL. Bolsista do Projeto "Memória e Patrimônio cultural imaterial: cartografia dos causos circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação" - Programa "Universidade Sem Fronteiras" - SETI/Pr.

²Graduando em História na UEL. Bolsista SEAP/PR. Programa Contação de Histórias do Norte do Paraná

Deste modo, visualiza-se um dos meios de transporte mais utilizados na travessia do rio antes da construção da ponte ferroviária. Observa-se a mata ao fundo e em meio a ela o telhado de uma casa. Fotografias como essa servem como evidência para negação da tese do vazio demográfico na região até a década de 1930.

A entrevista, gravada em suporte de fita K7, foi realizada no dia 12 de janeiro de 1998 pelos entrevistadores Widson Schwartz e Rosângela Ricieri Haddad com Kepler Palhano. E também na presença da então diretora do MHL, prof^a Conceição Geraldo, da filha do entrevistado e de sua esposa Maria Palhano. Embora Kepler Palhano se mostre um pouco confuso, provavelmente devido à idade avançada, é possível identificar informações básicas sobre sua família e a região.

O entrevistado é o mais novo dos cinco irmãos nascidos no Maranhão. Filhos do engenheiro Joaquim de Carvalho Palhano, todos seguiram a profissão paterna. Mábio Palhano, o mais velho, foi o primeiro a vir para o norte do Paraná e trabalhou em uma companhia colonizadora de Jataizinho. Assim, realizava as medições de terras como topógrafo por toda a região. Kepler foi o último dos irmãos a chegar, em 1927, para realizar o mesmo trabalho. Faz menção a posseiros, a indígenas e à fazenda Palhano. E comenta sobre o Bar Líder, aberto por Heber Palhano na década de 1940, sendo o primeiro bar de Londrina a vender chopp gelado. Localizava-se na Avenida Rio de Janeiro ao lado das Casas Pernambucanas.

Ainda, como observado na imagem abaixo, na coleção há a reprodução colorida de uma caricatura assinada por Britto e datada em 11 de dezembro de 1936. Nela se observa a representação gráfica de Mábio Palhano numa paisagem de Londrina que mistura a presença das casas e aspectos nativos como a cobra no canto direito inferior. Próximos ao sujeito se encontram seus instrumentos de trabalho, isto é, o teodolito e a baliza, e em suas mãos uma fita métrica e um “mappa”, além do marcador de área.



BRITTO. Caricatura de Mábio Palhano. 11 dez 1936.
Acervo: MHL

Sobre Meton Araújo de Souza, cearense e homeopata, há fotografias da comemoração do seu centenário em 2005. Uma destas se observa a seguir:



Comemoração do centenário de Meton Araújo. Setembro de 2005 | Autor: Desconhecido | Acervo MHL

Encontra-se na imagem um senhor que se mantém forte e alegre, entre amigos e familiares. O bolo branco com as velas de número 100 parece chamar bastante a atenção do menino de camiseta azul, o qual até esqueceu de cantar os parabéns.

O MHL guarda também a entrevista gravada em fita de vídeo realizada no dia 16 de novembro de 2005 pela entrevistadora Barbara Daher Belinati. Conforme o depoimento, Meton veio do Nordeste para a cidade de Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Após alguns anos trabalhando como enfermeiro, foi barqueiro por três anos na divisa de São Paulo e Paraná, no rio Paranapanema, no fim da década de 1920 e começo da década de 1930. Passou uma temporada em Pelotas, onde atuou novamente como enfermeiro. Depois trabalhou com um primo no Rio de Janeiro, o qual era homeopata. Porém, sem recursos para concluir seus estudos em homeopatia voltou para Presidente Prudente atuando como homeopata com base em sua experiência. Assim juntou ampla clientela e se tornou muito popular.

Na década de 1940, mudou-se para Londrina e trabalhou com distribuição de jornais e panfletagem. De acordo com Meton, a venda de jornal iniciada em 1942 era muito alta e, em dias de jogos, chegava a vender cerca de 3000 cadernos esportivos. Com o dinheiro dos jornais, Meton participou de um ciclo importante da economia londrinense, isto é, a plantação de café. No entanto, perdeu tudo com as geadas. Cultivou também cana-de-açúcar e criou gado. Neste contexto, Meton voltou a atuar no ramo da homeopatia, sendo o primeiro a aplicar injeções para sífilis na cidade. Grande conhecedor das plantas e de suas propriedades medicinais, o homeopata colhia as plantas a serem usadas em seus remédios e primeiramente os testavam em si próprio. Segundo o entrevistado: "Todas as plantas curam aquela doença que ela

provoca". (ARAÚJO, 2005) Farmacêutico licenciado, vendia seus remédios nos sítios, fornecendo-os de graça aos mais necessitados.

Gravado em DVD está o depoimento oral de Raimundo Maia Campos Junior, com duração de 35 minutos, realizado no dia 13 de janeiro de 2016, conduzido por Aryane Kovacs Fernandes e filmado por Pedro Henrique Cezar na Sala Multi-meios do MHL. Nasceu com ajuda de uma parteira no dia 24 de outubro de 1961, mas registrado no dia 27, em uma fazenda no sertão nordestino, no município de Quixadá, no Ceará. Morou em algumas cidades do Ceará e do Maranhão, até que chegou a Londrina no dia 2 de janeiro de 1982, onde foi rebatizado com o apelido de "Ceará". Chegou de ônibus, desembarcando na antiga rodoviária, atual Museu de Artes. A Festa Nordestina, idealizada por Ceará por muitos anos, realizou-se no Museu Histórico de Londrina, na Praça Avelino Vieira, no estacionamento do Shopping Com-Tour e no Museu de Artes de Londrina. Organizava a festa com o intuito de os nordestinos residentes matarem a saudade de sua terra e para que outras pessoas pudessem conhecer a cultura nordestina, pois identificava muito preconceito, o qual, segundo "Ceará", gerado por falta de conhecimento. A festa acontecia em setembro, durante a Semana da Pátria.

A respeito das fontes referentes a Dalton Paranaçu, as fotos em que o mesmo aparece fazem parte da coleção da Prefeitura Municipal de Londrina quando prefeito da cidade entre 1969 e 1973. Todas as fotografias foram produzidas pelo fotógrafo Oswaldo Leite ao registrar as atividades da prefeitura. A fotografia a seguir mostra Paranaçu, provavelmente manuseando o interruptor de luz, e outras pessoas na inauguração da Praça de Esportes no Jardim Bandeirantes, em 1969. As etiquetas foram colocadas por funcionários da PML e não é possível retirá-las para conservação da foto, caso contrário a imagem ficaria rasgada.



Gestão Dalton Fonseca Paranaçu: inauguração da praça de esportes no Jardim Bandeirantes. 20 set 1969. Autor: Oswaldo Leite | Acervo MHL

A seguir outro exemplar de fotografia em que aparece Dalton Paranaçu. Desta vez em audiência em seu gabinete. Observa-se a atenção dos sujeitos retratados para fotos sobre a mesa, provavelmente relativas a ações realizadas pela Secretaria de Obras.



Gestão Dalton Fonseca Paranaçu: audiência no gabinete do prefeito. 1969-1973. Autor: Oswaldo Leite | Acervo MHL

Encontrou-se também, no acervo do MHL, pequena manchete na Folha de Londrina divulgada no dia 1 de fevereiro de 1969, ano de sua posse como prefeito, com sua biografia e do vice Vítor Pimenta Cunha, nascido em Minas Gerais. Ainda, há depoimentos gravados em fitas de vídeo e em fitas K7.

Segundo os depoimentos, Dalton Paranaçu, piauiense de Jerumenha, fez o curso ginasial na cidade de Correntes, extremo sul do Piauí, formou-se em medicina no Rio de Janeiro, sendo posteriormente médico da Marinha. Em Londrina, atuou no Hospital Evangélico, em sua antiga sede na esquina das Ruas Pernambuco com Alagoas. Após cuidados com a saúde de Paulo Pimentel em plena campanha política para governador, foi convidado por este a subir em seu palanque e, depois, a ocupar o cargo de Secretário da Saúde, que exerceu de 1966 a 1968. Conta que assumindo a prefeitura de Londrina, encontrou a pasta da Educação com apenas 15 professoras, e ao término do mandato deixou o setor da Educação Municipal com aproximadamente 550 professoras concursadas. Também exerceu papel importante na política habitacional de Londrina ao dar continuidade ao trabalho de seu antecessor, José

Hosken de Novaes, no trabalho com a COHAB e financiamentos do Banco Nacional de Habitação. A construção do Ginásio Moringão e a revitalização do Lago Igapó também estão entre algumas das obras de sua gestão.

Ainda no Museu são conservados os depoimentos dos irmãos Geir e Joelina Rodrigues da Silva. O primeiro foi realizado pela entrevistadora Barbara Daher Belinati no dia 30 de novembro de 2005. O segundo depoimento foi coletado no dia 22 de novembro de 2000 por meio do Projeto Cuco. Ambos gravados em fita vídeo. Identificase a chegada da família a Londrina, vinda de Sergipe fugindo do cangaço de Lampião. Enquanto o pai, Manoel Joaquim da Silva, atuava como ferroviário a mãe lavava roupa para fora, e toda a família ajudava na plantação e venda de arroz e feijão ao longo da estrada de ferro, além da venda de frango e de ovos. Como a família era ligada à Igreja na cidade, os quatro irmãos estudaram no Colégio Mãe de Deus.

Geir relata que se formou na última turma mista do Colégio Mãe de Deus em 1949 e que trabalhou como vendedor nas Casas Castro, onde comercializava calçados e chapéus. Em suas próprias palavras: “Eu ali pus capacete em Hugo Cabral, bota nos pioneiros de Londrina.” (RODRIGUES, 2005) Nesta época, suas três irmãs trabalhavam nas Casas Fuganti. Após dez anos no comércio, foi seminarista em Curitiba, sendo ordenado padre em 1963. Passou por São Paulo, Osasco e Santa Catarina até voltar à Londrina, em 1966. Abandonou a batina, casou-se e teve filhos. Menciona que sua mãe, a princípio, opôs-se à ordenação e depois ao abandono do sacerdócio. Graduou-se em Pedagogia na UEL e fez mestrado em Orientação Educacional, em Bauru. Lecionou na Universidade até a aposentadoria compulsória, aos 70 anos.

A trajetória de Joelina em Londrina também se vinculou a educação. Em troca dos estudos no período da tarde auxiliava na pré-escola no período da manhã. Após concluir os estudos, continuou no Colégio Mãe de Deus, porém na condição de professora. Na rede estadual, foi diretora de escola. E também foi professora na escola de Enfermagem que ficava dentro da Santa Casa. Posteriormente, já formada em História, assim como dois de seus irmãos, é convidada a lecionar na Faculdade de Filosofia e Letras, onde foi professora de História Econômica, História do Brasil e História do Paraná, além de ter sido chefe do Departamento de História e diretora do Centro de Ciências Humanas. Como conta no depoimento, além da dedicação à docência empenhava-se em obras sociais.

No dia 17 de julho de 2012, foi realizada uma entrevista por Barbara Daher Belinati com os irmãos Geir Rodrigues e Elizabeth da Silva Lusthorf juntos. Este depoimento está gravado em suporte DVD. Neste, além das informações já consideradas aqui, os dois comentam sobre o irmão mais velho recrutado para a força expedicionária, sobre as dificuldades sofridas em decorrência do período das guerras mundiais, e sobre a cesta básica que recebiam de Getúlio Vargas para auxílio na falta de querosene, farinha e outras coisas necessárias. Também mencionam que sempre passavam pela zona de meretrício e eram tratados com respeito pelas mulheres que trabalhavam no local.

Na elaboração da série Londrina Documenta (2015) sobre o presépio da Alfaiataria Dutra, os organizadores Thiago Machado Garcia, Taiane Vanessa da Silva e Felipe Leme A. de Oliveira entrevistaram comerciantes da Rua Sergipe, onde se situava a Alfaiataria. Assim, conheceram o pernambucano Gilberto Rodrigues da Cruz e o entrevistaram por pouco mais de 1 hora no dia 26 de janeiro de 2015 em seu “Estacionamento do Verinha”.

Nasceu no Estado de Pernambuco e veio a Londrina com quatro anos de idade, em 1954, junto com os pais e a irmã, devido boatos de que no Norte do Paraná se ganhava muito dinheiro. O transporte utilizado para chegarem até a cidade foi o pau-de arara. Seu pai iniciou serviços como comerciante na Rua Maranhão e, depois,

na Rua Sergipe como empregado da Loja das Pechinchas. Verinha foi funcionário da loja do pai até conseguir abrir sua própria loja em 1969, chamada Verinha Confecções, também na Rua Sergipe, onde vendia artigos de cama mesa e banho e roupas com preço. Daí ser conhecido como Verinha.

O entrevistado ressalta aspectos como: a importância da rodoviária, atual Museu de Artes de Londrina, para o comércio da Rua Sergipe, mudanças e permanências da Rua Sergipe, trajetória da Vitamina do Jorge, Alfaiataria Dutra e o presépio construído e exposto durante as festas de final de ano pelo senhor Dutra³, outros comércios que se destacavam na Sergipe, hotéis, charretes e o ponto dos charreteiros na Rua Benjamim Constant, sanduíche de pernil vendido no Bar Lavouara, e também sobre sua formação acadêmica. Verinha iniciou o curso de Direito no Colégio Londrinense (antiga Faculdade de Direito), depois transferido para a UEL.

Outro depoimento da coleção do Setor de Imagem e Som é o da pernambucana Maria Nilza da Silva, realizado no dia 13 de agosto de 2015 por Amélia Tozzetti Nogueira. Segundo os relatos, Maria Nilza nasceu em 1934 e chegou a Londrina aos oito anos de idade. Casada e mãe de quatro filhos, teve um papel de destaque no esporte londrinense, tendo sido muito ativa no jogo do bolão (semelhante ao boliche). Jogou na AREL, ganhou inúmeros títulos como atleta, e foi convidada a dirigir a seleção londrinense de bolão, participando assim de inúmeros Jogos Abertos. O esporte, amador, nem sempre contava com recursos, então Maria Nilza realizou muitos trabalhos para a arrecadação de dinheiro: fazia jantares, crochê, tricô, bazares entre outras coisas. No ano de 2002, quase aos 60 anos, formou-se em Educação Física na cidade de Ponta Grossa para continuar exercendo a função de técnica.

Seu pai aqui chegou com a mulher e os quinze filhos, atuou na abertura das matas e ajudou, inclusive, a separar a reserva indígena do Apucarantina. Maria Nilza em sua juventude prestou serviços meteorológicos ao governo ao ajudar seu pai a cuidar de um posto instalado em sua fazenda. Além disso, também conta: “E eu dirigia pro meu pai! [...] Tinha carta branca do governo, que naquele tempo, uma mulher andar de calça comprida, dirigir, era um assombro. [...] Eu era o chofer do meu pai, até casar.” (SILVA, 2015)

Sobre Maria Soares de Jesus há a entrevista realizada no dia 19 de agosto de 2015 por Fernandes, gravada em DVD. Nasceu no dia 25 de agosto de 1935 em Bodocó, no interior de Pernambuco. Relata histórias de sua infância atreladas ao Lampião e à Maria Bonita, uma vez que sua mãe lavava roupas, muitas vezes cheias de sangue, de Virgulino e dos outros cangaceiros, além de lhes dar queijos. Conta que caso alguém não fizesse o que ele queria, o mesmo poderia cortar a orelha da pessoa ou até mesmo matar. Descreve algumas características físicas de Lampião, o medo que todos sentiam dele, e também canta duas músicas desta época. De acordo com Maria, um dia o cangaceiro pediu para uma mulher fazer comida para ele e seu bando, contudo ela esqueceu de salgá-la. Lampião pediu o pote de sal, cada um colocou o tanto que queria no prato e depois a fez comer o resto para aprender, se não teria que abraçar uma planta cheia de espinhos.

Maria, a mais velha de um total de 8 irmãos, não teve a oportunidade de estudar quando mais nova. Com aproximadamente 17 anos trabalhava há um tempo como doméstica quando seu tio que acreditavam estar em São Paulo apareceu para buscar toda a família e levar para Londrina no norte do Paraná, da qual nunca tinha escutado falar. Revela como foi a viagem de trem, impressões primeiras da cidade, como era Londrina, e os diferentes trabalhos que exerceu, por exemplo, na

³Também se lembra de visitas que fez ao presépio durante a infância e o descreve como o mais bonito dos que já havia visto.

derrixa de café, como bóia-fria, como doméstica na residência de José Garcia Molina e na empresa Carambei. Sendo assim, conta algumas dificuldades para sustentar quatro filhos após se afastar do marido. Atualmente passa o tempo num grupo de convivência de idosos e num outro de teatro.

No setor de Biblioteca e Documentação há dois livros associados a personalidades nordestinas. Um deles se chama "O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina" (SILVA; PANTA, 2010), e o outro "Dr. Góis - A saga de um nordestino" (GÓIS, 1992). Além disso, há algumas reportagens em periódicos, especialmente no Jornal de Londrina.

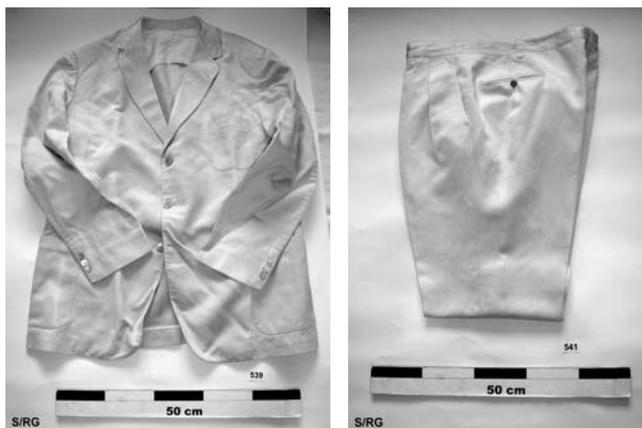
O primeiro livro se caracteriza como pesquisa historiográfica a respeito do primeiro médico negro de Londrina, Dr. Justiniano Clímaco da Silva, nascido em janeiro de 1908, na cidade de Santo Amaro da Purificação (BA). É estruturado por uma nota explicativa, introdução, vinte tópicos, considerações finais e referências bibliográficas. São 56 páginas repletas de textos, matérias de jornais e de revistas, de depoimentos e de fotografias. Encontra-se ênfase nas doenças comuns disseminadas nas primeiras décadas da cidade. O intuito seria possibilitar maior valorização da população negra que também contribuiu para o desenvolvimento de Londrina.

A partir da leitura se constata que Dr. Justiniano Clímaco decidiu ser médico por inspiração de um profissional em sua cidade natal, Dr. Bião. Assim, após o título de bacharel em Ciências e Letras, ser professor de Matemática e de Latim, cursou medicina na Bahia e se formou em 1933. Atraído pelas propagandas da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), com promessas de crescimento de uma nova região, entrou em contato com um tio que morava no Paraná, o qual lhe informou que era uma cidade doentia pela febre amarela, tifo, tuberculose e outras epidemias alastradas pela ausência de saneamento básico.

Desta maneira se sentiu incentivado a se mudar, porém quando isto ocorreu estranhou a pequena população, as cercas de balaústres e o barro. Chegou a Londrina em 1938, onde exerceu a profissão por mais de 50 anos. Com isto, atendeu aproximadamente 30 mil pacientes, sobretudo a população pobre. Passou por algumas dificuldades junto aos outros médicos da cidade, como a falta de recursos financeiros e materiais para a prática do ofício. Dr. Clímaco também se deslocava em seu Ford 1928 em direção a sítios e fazendas para atendimento domiciliar.

Como verificado no livro, algumas de suas contribuições foram ajudar na fundação da Casa de Saúde Santa Cecília, em 1942, participar da campanha para a construção da Santa Casa, inaugurada em 1944, ser sócio-fundador da Associação Médica de Londrina (AML), em 1941. Além disso, foi proprietário e diretor do periódico Paraná-Jornal e, em 1947, foi o primeiro deputado estadual eleito por Londrina, sendo filiado ao Partido Social Democrático do presidente Eurico Gaspar Dutra. Deste modo, conseguiu criar um hospital de tuberculosos em Apucarana e mais tarde em Londrina, onde atualmente é o Hospital Universitário. Contudo, não gostou da experiência e ao término do mandato voltou a se dedicar exclusivamente à medicina. Teve mais de cem afilhados de batismo e também de casamento, principalmente por ajudar a população de menor poder aquisitivo. Faleceu em agosto de 2000, tendo sido homenageado no batismo da Unidade Básica de Saúde no Conjunto Habitacional Vivi Xavier.

No setor de Acervo Tridimensional há dois conjuntos de vestuários da atividade médica do Doutor Preto. Ambos doados pelo próprio Clímaco por intermédio da família de Lupercio Luppi, quando realizado o projeto de revitalização do MHL, em 2000, para organização do cenário da alfaiataria na galeria de longa duração. Abaixo é possível visualizar um destes conjuntos.



Vestuário médico do Doutor Justiniano Climaco da Silva | Acervo MHL

O segundo livro consiste em uma auto-biografia de Dr. Adolfo Barbosa Góis, sendo 185 páginas compostas em capítulos. Logo no início se encontra a informação de que o rascunho deste foi datilografado. Dr. Góis escreve sua história de vida principalmente a partir dos cinco anos de idade e, de certa maneira humilde, declara: “[...] é apenas registro cronológico de acontecimentos rotineiros na vida de quem não pretende fazer história, mas simplesmente contá-la.” (GÓIS, 1992, p.16). Admite uma seleção dos fatos os quais gostaria que fossem lembrados: “Falsearia a verdade se negasse que cometi, por vezes, pecadinhos de omissão proposital. [...] Faltas pequenas de que possa me envergonhar, tenho-as bem guardadas em meu subconsciente; algumas também no inconsciente profundo.” (GÓIS, 1992, p.16)

Como demonstrado no livro, Dr. Góis classificou a fase de sua infância do nascimento, em 1910, até aproximadamente os 13 anos de idade. Conta alguns episódios ocorridos neste período na região sergipana, e entre eles a maioria se refere a aspectos que envolvem a saúde, como por exemplo, a gripe espanhola alastrada na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a qual, segundo Dr. Góis atingiu todas as famílias. De acordo com Adolfo Góis: “Bem no fim do primeiro semestre de 1918, chegavam mais rápidos os boatos do que as envelhecidas notícias trazidas pelo serviço postal [...]” (GÓIS, 1992, p.40)

Na fase de sua adolescência, dos 13 aos 20 anos, privilegia em sua narrativa o âmbito escolar. Sendo assim, relata lembranças de uma escola em Laranjeiras (SE), na qual ficou em regime de internato durante dezesseis meses com mais cinco adolescentes. Sendo admitido em março de 1925 no curso ginásial gratuito no Athe-neu D. Pedro II, em Aracaju, estudou os cinco anos regulares. Neste tempo viveu como pensionista. Menciona Dr. Góis que sentiu alegria ao saber que viveria em região mais civilizada do que no sertão onde nasceu. Além disso, animou-se porque até esta época em sua cidade natal havia apenas duas pessoas portadoras de diploma universitário enquanto a maioria era analfabeta. Desta forma, começou a se preparar para o vestibular a fim de cursar a Faculdade de Medicina em Salvador (BA). Graduação sonhada desde os 12 anos quando em contato com o médico Bragança, em Laranjeiras.

Dr. Góis aponta a terceira fase de vida, isto é, a idade adulta, iniciada em 1930. São 41 páginas de relatos que entrelaçam o contexto político, o aspecto acadêmico, a preocupação financeira da família devido ao seu sustento em Salvador e agravada pela seca de 1932, o temor a cangaceiros e também a migração ao norte

paranaense, ocorrida entre 14 de março e 11 de abril de 1936 através de transporte rodoviário, ferroviário e marítimo. Ao que parece, o sergipano estava amadurecendo e contraindo cada vez mais responsabilidades.

Relata seu desejo obsessivo por uma região próspera a fim de melhores condições para ele e sua família. Contudo, deduz-se por meio de várias passagens descritivas da região que Dr. Góis se sentiu enganado pela propaganda da CTNP preferindo até mesmo a seca do nordeste. Como por exemplo:

Não havia estradas pavimentadas, nem melhoramentos coletivos mínimos. Viajava a cavalo por veredas poeirentas na estiagem e lamacentas nos períodos chuvosos. Veículos de transporte coletivo eram carroças puxadas por mulas ou carretas de tração bovina.

Durante todo o primeiro trimestre de minha estada em Londrina, tinha suportado com amargura e tristeza o som estridente do apito da locomotiva do trem da ferrovia São Paulo - Paraná, que me sugeria retorno imediato ao torrão natal. [...]

Parecia-me inútil o sacrifício, pois sentia que tinha falhado em minha decisão final. [...]

Tinha me esquecido inicialmente de que não se constrói em poucos meses nem em minguaos anos um arremedo de civilização, dentro de uma mata virgem. (GÓIS, 1992, p.125)

Dr. Góis encerra o livro com o capítulo denominado Londrina, em que enfatiza o desenvolvimento da região, sua nova vida familiar, profissional e política. Casou-se em 1938 com Ruth, a quem conheceu na faculdade, tiveram quatro filhos, sendo três deles formados em medicina. Sua primeira entrevista para notificação do interesse em instalar consultório médico foi realizada com o Delegado da Fiscalização de Medicina e Farmácia, Dr. Gabriel Martins. O autor dedica vários momentos de homenagem a esse “moço carismático” revelando tristeza pelo falecimento juvenil em 1943.

Iniciou rapidamente com um modesto consultório cobrando cinco mil réis por consulta. Ajudou a equipe de médicos e técnicos da Fundação Rockefeller no combate à eclosão da epidemia de febre amarela silvestre. O autor conta: “Essa denúncia provocou grande arrefecimento das compras de lotes urbanos e rurais, trazendo prejuízos apreciáveis à Companhia.” (GÓIS, 1992, p.129) Por aumento da clientela, em 1939 instalou o consultório em uma casa de alvenaria no centro comercial, localizando ao lado da farmácia São João.

Dr. Góis participou de alguns projetos de instituições de saúde e da Irmandade da Santa Casa. Desta eram associados principalmente membros do Rotary Club. Assim, tornaram realidade o Hospital Santa Casa, inaugurado em 1944, do qual foi diretor clínico até 1948. Em 1941, foi um dos precursores da ideia de fundar a AML filiada à Associação Médica do Paraná. Além disso, relata seu envolvimento com o mineiro Dr. Jonas, o clima tenso entre médicos já instalados e os recém-chegados, e também fatos importantes sobre a história da medicina na cidade.

Como afirma, não deixando de lado sua carreira médica assumiu cargo político em 1947. De acordo com Dr. Góis, contagiado pela disputa política, após um longo período sem essas atividades de maneira livre devido ao Estado Novo de Getúlio Vargas, candidatou-se a vereador do partido UDN chefiado pelo cearense Hugo Cabral. Desta forma, atuou na Câmara Municipal. Em 1951, foi reeleito como vereador na gestão de Milton Menezes. De 1955 a 1964, participou ativamente como membro da diretoria da UDN e das campanhas políticas. Com o golpe militar decidiu encerrar suas atividades partidárias. Porém, em 1968, o prefeito eleito Dalton Paranaçuá o convida para participar de sua campanha. Aceitou o convite, mas algu-

mas atitudes de Paranaguá referentes à imparcialidade nas lutas entre a previdência social, a imprensa e a classe médica o fez se afastar definitivamente de qualquer atividade político-partidária.

Ao final do livro há algumas cartas em homenagem ao Dr. Góis. E embora a narrativa se apresente de forma linear em seu tempo histórico, característica observada a princípio por meio dos títulos e subtítulos dos capítulos, Dr. Góis freqüentemente repete algumas histórias e volta em alguns anos para melhor compreensão do leitor.

Em 1985 permaneceu afastado da profissão devido a um enfarte do miocárdio, mas recomeçou no Hospital do Conselho Londrinense de Assistência à Mulher (CLAM), o qual ajudou a fundar. Afastou-se da profissão definitivamente em 1987.

A respeito dos periódicos, há algumas matérias feitas pelo jornalista Widson Schwartz no Jornal de Londrina ao final da década de 1990 e início dos anos 2000. Destacamos este e outros periódicos, como o Paraná Norte, não se referem especificamente a vinda de nordestinos e seus feitos, mas de “imigrantes”. Contudo, encontram-se, por exemplo, pequenas manchetes de boas vindas ao Dr. Góis em 1936 e ao Dr. Clímaco Silva em 1938, e também uma reportagem de quase folha inteira do discurso de Hugo Cabral ao término do Estado Novo de Vargas em novembro de 1945.

Abaixo, observa-se a matéria na coluna Cidade do Jornal de Londrina do dia 26 de setembro de 1997, intitulada “Piauí, o alfaiate aventureiro”. Nela se encontra a história de Rosendo Rodrigues de Carvalho, o Piauí, o qual aos 77 anos ainda trabalhava como alfaiate. Porém, a história narrada não se inicia com sua saída do nordeste, mas de Telêmaco Borba, pois era nesta cidade que a princípio morou movido pelo garimpo de diamantes no Rio Tibagi.



SCHWARTZ, Widson. Piauí, o alfaiate aventureiro. Jornal de Londrina, p.8A, 26 set 1997.

Em relação às outras matérias: há sobre a história de Meton Araújo, sua chegada na década de 1930 a Londrina e sua tarefa de inspirar a leitura; sobre o paraibano José Durval, saxofonista e agente do IBGE em Londrina entre 1961 e 1973, o qual veio ao norte do Paraná fugido do cangaceiro Antonio Silvino; sobre a família Palhano; e também sobre a história do cearense Antônio Justo Filho, o Índio. Este chegou a Londrina na década de 1940, empregou-se na Prefeitura Municipal sendo auxiliar do guarda-campo na Aviação Velha, localizada na Fazenda Palhano. Deste modo, trabalhou diretamente para as companhias aéreas. Depois, em 1951, mudou-se para o aeroporto atual.

Além destas, há uma matéria intitulada “Uma cidade nova longe do cangaço”, de 29 de julho de 1998, devido ao mês do centenário do nascimento de Lampião e 60 anos de sua morte. De acordo com Schwartz: “A fundação de Londrina coincide com o auge e o declínio do cangaço. Por isso, Lampião, Corisco e Antônio Silvino - entre outros - permanecem na lembrança de muitos nordestinos que mudaram-se para a cidade na década de 30.” (1998, p.4B)

Portanto, no acervo do Museu se encontram diferentes tipos de documentos referentes à presença nordestina em Londrina. Para concluir, entre as fichas de cadastro dos pioneiros – aqueles que chegaram à cidade até 31 de dezembro de 1939 – em vinte e uma delas encontramos os variados Estados de origem dessas pessoas oriundas nordeste e presentes nas origens da cidade: Pernambuco, Sergipe, Paraíba, Maranhão, Ceará e Bahia. Outras informações podem ser encontradas nos livros de registros de eleitores de 1956 a 1986.

Atualmente a coleção do Museu relativa à presença nordestina na cidade não corresponde à sua real importância. Coletar, estudar e conservar documentos sobre essas trajetórias permitirá a multiplicação de narrativas sobre a cidade e, a ela, talvez, reconhecer-se mais democrática.

BIBLIOGRAFIA

FONTES: Acervo MHL

- BELINATI, Barbara Daher. Entrevista com Geir Rodrigues da Silva. 30 nov 2005.
 _____. Entrevista com Meton Araújo de Souza. 16 nov 2005.
 _____. Entrevista com Geir Rodrigues e Elisabeth da Silva. 17 jul 2012.
 BRITTO. Caricatura de Mábio Palhano. 11 dez 1936.
 Discurso pronunciado pelo Sr. Hugo Cabral, no dia 17 do corrente. Paraná Norte, Londrina, v.12, p.2, 25 nov 1945.
 FERNANDES, Aryane Kovacs. Entrevista com Maria Soares de Jesus. 19 ago 2015.
 _____. Entrevista com Raimundo Maia Campos Junior. 13 jan 2016.
 GÓIS, Adolfo Barbosa. Dr. Góis: A saga de um nordestino. Londrina: Gráfica Canadá, 1992.
 Novo médico. Paraná Norte, Londrina, v.2, p.1, 19 abr 1936.
 Projeto Cuco. Entrevista com Joelina Rodrigues da Silva. 22 nov 2000.
 SCHWARTZ, Widson; HADDAD, Rosângela Ricieri. Entrevista com Kepler Palhano. 12 jan 1998.
 SCHWARTZ, W. Piauí, o alfaiate aventureiro. Jornal de Londrina, p.8A, 26 set 1997.
 _____. Longe do Cangaço: participação sergipana faz 60 anos. Jornal de Londrina, p.8A, 5 set 1997.
 SILVA, Maria Nilza da; PANTA, Mariana. O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina. Londrina: UEL, 2010.
 NOGUEIRA, Amélia Tozzetti. Entrevista com Maria Nilza da Silva. 13 ago 2015.
 Visitas. Paraná Norte, Londrina, v.4, p.3, 19 jun 1938.

3.2. O rapto da mulher dama e o demônio: a presença e a influência da cultura nordestina na obra de Paulo Menten

Raphael Soares Menten¹

Resumo: Nas obras produzidas por Paulo Menten podemos identificar uma constante necessidade de representar, registrar ou denunciar o meio social no qual está inserido, neste sentido será realizada uma breve análise da série de gravuras intitulada “O rapto da mulher dama e o demônio” para entender a influência e a presença de traços da cultura nordestina na obra de Paulo Menten.

Palavras-chave: Paulo Menten; Cordel; Nordeste; Pelourinho; Patrimônio; Cultura.

Uma breve biografia: Paulo Menten

Paulo Menten nasceu em São Paulo no dia 17 de junho de 1927. Leitor assíduo (fato que notamos em seus diários) desenvolve noções críticas. No início da década de 1950, fez curso de desenho livre no MASP. Em 1968 resolve ser gravador profissional, tempos depois de ter tido aulas com Lívio Abramo no início da década de 1960. Logo depois, fez curso de serigrafia pelo SENAI.

Passou assim a dominar diversas técnicas das artes visuais, sendo a mais trabalhada a da gravura, abrangendo técnicas de xilografia, gravura em metal, litografia e serigrafia, se tornando verbete em dicionários de artes visuais. Além de artista visual Paulo Menten, também era escritor, dos escritos foram produzidas poesias (que originou um livro chamado “Diário de bordo inseguro”), ensaios, contos, novelas, peças de teatro que não foram publicados, fez crítica de artes em uma série de jornais, participou de diversas exposições dentre elas: o XXIº Salão Paranaense de Belas Artes de Curitiba - PR 1964, com pintura, angariando a premiação de medalha de prata, 14º Salão Municipal de Belas Artes - Juiz de Fora - MG 1964, com desenho, angariando a premiação de menção honrosa, XV Salão Paulista de Arte Moderna - São Paulo - SP 1966, com pintura, angariando a premiação de medalha de prata, 9ª e 10ª Bienal Internacional de São Paulo - SP 1969 angariando o premio Itamaraty, dentre muitas outras exposições nacionais e até internacionais, também foi colunista da voz povo, jornal de Cornélio Procópio da década de 1980.

Paulo Menten morou em São Paulo até meados dos anos 1970, no período em que esteve em São Paulo teve ateliê no prédio da Bienal onde permaneceu durante cinco anos, logo em seguida do período que passou a dar aulas no NUGRASP¹. Após sair do prédio da bienal, foi com o ateliê para uma casa de cultura em São Caetano, depois mudou para Cornélio Procópio e após alguns anos transferiu seu acervo para Londrina, em 2007 recebeu o título de cidadão honorário e permaneceu com o ateliê até final de sua vida. Era participante e membro da academia de letras de Londrina. Do tempo em que permaneceu em Londrina ministrou aulas, cursos e oficinas voltados para difusão e pensamento das artes visuais. Devido às frágeis condições de saúde de Paulo, acaba voltando para São Paulo, para ficar aos cuidados da família em 2009, onde permaneceu até o falecimento em maio de 2011.

¹Graduado em História pela Universidade de Guarulhos - UNG, cursa Letras Vernáculas - UEL. Conclui em 2016 Especialização em Patrimônio e História - UEL. Projeto de Pesquisa: Cultivos literários dos italianos e seus descendentes na “Terra Rossa” de Londrina e região - 2016. Gestor do acervo do Atelier de Gravuras Paulo Menten desde 2012. rsmnten@gmail.com

Sobre a obra: O rapto da mulher dama e demônio

Nascida do contato que Paulo Menten teve com a literatura e xilogravura de cordel em uma viagem que realizou para a Bahia, onde desenvolveu pesquisas sobre a arte popular. Deste contato com a cultura e cotidiano nordestino o que parece ter mais marcado sua passagem foram às temáticas tratadas pelo cordel, os traços de religiosidade, de literariedade presentes nas obras, além da forma com que são tratados assuntos sociais e históricos da região.

Outro aspecto de suma relevância é o fato de que Paulo Menten tinha um vínculo de produção com a academia modernista, ou seja, suas obras possuem aspectos dos artistas relacionados à academia e ao analisar suas obras fica muito difícil não encontrar tais descrições e proximidades.

Das temáticas encontradas na literatura de cordel identificamos, mesmo com determinada subjetividade, traços do cotidiano ou tradições do povo nordestino e é este aspecto que Paulo Menten tenta captar na série de gravuras “O rapto da mulher dama e demônio”, utilizando-se da linguagem do cordel nordestino.

Tendo contato com região do Pelourinho, Bahia dos anos de 1960, pesquisou não só a forma de olhar, mas como poderia explorar a temática utilizando da linguagem literária do cordel. Tratando sobre a prostituição, a forma como a mulher é vista, o papel do homem e sua influência na sociedade em questão.

Entre os casarões coloniais, as ladeiras e igrejas que constituem o hoje patrimônio histórico da região do Pelourinho, Paulo Menten se via em um ambiente rico de informações e temáticas a serem exploradas. Destas temáticas foram explorados os formatos arquitetônicos dos casarões, a sintonia existente com as ladeiras, os vários pontos de perspectiva e a movimentação que formam uma paisagem única, mas o que mais foi retratado na obra não foram os casarões, ladeiras ou igrejas e sim os personagens e as crenças ali encontrados.

Figuras emblemáticas surgem nas representações criadas, figuras como Lampião, o demônio, a mulher dama e o cantor de cordel. Cada personagem assume seu papel para contar uma história que se desenrola nas diversas matrizes e impressões de gravura.

Traços de memória

Paulo Menten pesquisou sobre a cultura popular e se deparou com a prostituição, presente na cultura da região do Pelourinho e de forma poética representou este pedaço de Nordeste que tanto o impressionou.

Essa experiência e forma de olhar acabam sendo trabalhadas no sentido de perpetuar aquilo que não recebe a devida atenção: representar papéis e as relações das prostitutas, com o posicionamento do homem, que ao se manter inerte frente a dificuldades e problemas sociais acabam por influenciar a prática da prostituição. Dessa forma “essa memória canalizada e esterilizada se revolta e se afirma a partir de um sentimento de absurdo e de abandono.” (POLLAK, 1989, p. 7).

Considerando todos os aspectos presentes na obra é inegável que certos papéis foram (e são) exercidos em nossa sociedade, mas são negados ou impelidos ao esquecimento. Fazer referência ao passado nos ajuda a compreender as práticas do presente e manter o entendimento dos grupos e instituições que compõem uma sociedade e seu lugar de pertencimento, também auxilia no entendimento das oposições.

[...] ... têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida.” (POLLAK, 1989, p. 11).

O que se coloca em discussão além da memória está relacionado à identidade, não só dos personagens representados como também do grupo ao qual pertencem.

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5).

O que podemos considerar é que sua obra perpassa o conceito de representação poética, de apenas um reflexo da memória individual, que por retratar uma memória coletiva pode ser considerada com fonte histórica tendo em vista, os casos citados de desapropriação citados no início deste texto.

Conclusão

Fica evidente ao analisar a obra de Paulo Menten que há uma intencionalidade em perpetuar sua visão do mundo ou suas memórias ao representar em sua obra suas experiências sejam vividas como atuante ou como espectador de acontecimentos, esta por sua vez tem um aspecto psicológico que tem:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1996 p. 423).

A temática escolhida por Paulo Menten tem seu intuito baseado no fato de que a sua experiência com a cultura popular do Nordeste não poderia ser esquecida, ainda mais sendo uma cultura da qual pode não interessar as classes políticas, a história oficial ou a quem domine os registros. Estabelecendo um registro que ficaria para posteridade.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1996 p. 426).

Sua obra representa uma classe e uma prática que quase sempre é colocada fora das discussões oficiais e sobre o pertencimento da identidade e memória nacional. Afinal existem várias discussões sobre a figura do cangaceiro, a figura de Lampião que em momentos é tratado como herói salvador e justiceiro do povo, em outros momentos tratado como malfeitor, bandido, estuprador que foi fruto das falhas do sistema. A prostituição visto como uma doença e retirada da visão e da memória oficial como se não houvesse na história.

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1996 p. 477).

Dessa forma podemos dizer que a memória impressa por Paulo Menten serve a história e se atualiza, pois representa uma identidade por muitos negada, sem reconhecimento ou impelida ao esquecimento, mas que está presente e todas as regiões do nosso país e demonstra a preocupação e ideia de pertencimento a esta identidade mais do que brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- GLAUSIUSZ, André et al. "Eu sou trezentos. [Editorial]. Galeria de Arte Centro América, , n.13, outubro., 19--.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

3.3. Um nordestino no coração da Sergipe

Ritielly Gouvea Melo
Felipe Augusto Leme de Oliveira¹

Resumo: Presença nordestina em Londrina através da entrevista com o comerciante Verinha, personagem da Rua Sergipe.

Palavras-chave: Museu Histórico Londrina; Nordestinos em Londrina; Memória.

Durante muitos anos muitos acreditaram que Londrina foi colonizada por imigrantes de várias partes da Europa, em especial, imigrantes ingleses, colocados na História como demiurgos na origem da cidade. Porém essa ideia já vem sendo questionada pela historiografia desde os anos 1990. As pesquisas e estudos indicam que a cidade teve em seu início, sim, a presença de ingleses e de nacionalidades originárias dos cinco continentes, mas, a maioria dos migrantes vieram da região sudeste, nordeste e sul do Brasil. A cidade foi erguida com o trabalho de muitos paulistas, mineiros, catarinenses, gaúchos, pernambucanos, baianos, sergipanos, alagoanos, maranhenses.

Entre os compradores de lotes da CTNP no período de 1933 a 1940, predominam os brasileiros (3701 entre 7.361 compradores), seguidos dos italianos, japoneses, alemães e espanhóis, cerca de 33 nacionalidades diferentes. Os brasileiros representam cerca de 50% dos compradores. Embora muitos desses brasileiros sejam filhos de imigrantes que já trabalhavam em São Paulo e estados do Sul, temos indicativos de um comprador da Bahia. E de muitos “baianos” que para cá vieram como trabalhadores e não como proprietários.

Entretanto, os imigrantes nordestinos têm sido ignorados pelas narrativas da memória e também da história da região. Nelson Tomazi (2000), fala sobre o esquecimento deste tema, quando existe

[...] o embate entre o discurso “oficial” e a presença e participação de nordestinos na cidade. Este discurso “oficial” está associado à memória de indivíduos e grupos detentores de poder na região e encontrado nos lugares remetentes à memória da cidade, os discursos fundadores. A grande problemática deste discurso é a homogeneização, pois afirma existência de uma comunidade onde todas as pessoas têm os mesmos interesses, pensam e agem de modo igual. (OLIVEIRA, *apud* TOMAZI, p.02, 2011).

A cidade de Londrina tem em sua datação oficial, a chegada da caravana da CTNP dirigida por George Craig Smith no ano de 1929 e, seis anos depois, em 1934, chega a categoria de município. Nos primeiros anos, a cidade sofre uma transformação geográfica e populacional muito grande. Mesmo na década de 1940 chegam até Londrina muitos fugidos das perseguições vinculadas à segunda guerra mundial.

Os dados de gestão da segunda estação ferroviária instalada no ano de 1950 mostram a chegada de pessoas à cidade cresce verticalmente. Muitas famílias vêm para trabalhar nas lavouras de café, na esperança e na promessa de uma vida melhor. Porém, inúmeros migrantes e imigrantes chegam também para atuar em outras e diversas áreas.

¹Graduandos em História (UEL) e bolsistas no Museu Histórico de Londrina. Programa Contação de Histórias do Norte do Paraná (PROEXT/MEC) e Projeto “Memória e Patrimônio cultural imaterial: cartografia dos causos circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação” – Programa “Universidade Sem Fronteiras” – SETI/Pr.

Mas outros dados nos levam à mesma conclusão, por exemplo, os números de venda de lotes de terra pela CTNP saltaram de aproximadamente 17.000 alqueires em 1943 para cerca de 400.000 alqueires em 1953, com 26.000 lotes agrícolas vendidos.

O Museu tem um importante acervo de entrevistas sobre Londrina e região. Vamos nos dedicar à uma entrevista desse acervo com Gilberto Rodrigues da Cruz, mais conhecido como “Verinha”, um personagem da Rua Sergipe, rua de comércio popular que chegou a ser dividida entre a Pequena Tóquio (da antiga estação rodoviária no sentido da Rua Quintino Bocaiuva) e a região de concentração dos “turcos” (da mesma estação rodoviária no sentido da cadeia pública). Essas demarcações eram dadas pela concentração de comerciantes, porém o convívio era muito amistoso. E entre eles estavam também alguns nordestinos.

Como nos apoiamos em fonte oral para tratar desse assunto, convém reafirmar que:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2005, p.156)

Por ser uma metodologia recente, a História oral por muito tempo foi alvo de críticas, porém, seu reconhecimento estabelece-se com o passar dos anos, visto os resultados positivos em pesquisas, particularmente aquelas que “envolvem problemas teóricos-metodológicos, cujo núcleo central de reflexões é constituído pelas relações entre memória e história”. (ARIAS NETO, José Miguel, p. 70/71, 1994).

Destacamos aqui as memórias de um migrante nordestino, Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, que veio ainda criança com sua família para Londrina nos idos de 1950: “[...] Eu tinha quatro anos, minha irmã tinha dois [...] bem crianças mesmo.” O próprio nos fala:

[...] eu vim de Pernambuco, cheguei em Londrina em 1954 com meus pais, né? Meu pai, minha mãe e uma irmã. Chegamos e fui morar aqui na rua Maranhão esquina com a Mato Grosso, meu pai trabalhava no Restaurante Paraíso, depois passou a mudar, mudou numa pensão no fundo aqui do estacionamento, Pensão Alto Paraná, era do Seu Domingos Pellegrine, pai do Junior [...] De lá meu pai foi trabalhar num bar pra frente, um pouquinho pra frente do Cine Ouro Verde que era Bar Pinguim [...] na sequência ele começou a trabalhar no comércio [...] daí da Maranhão ele veio pra rua Sergipe onde trabalhou de empregado numa loja, Loja das Pechinchas e essa loja ele tornou-se proprietário isso foi em 63, 64, hum. Trabalhei com meu pai nessa loja por um bom tempo. Depois montei minha loja. (Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, 2015).

Vemos em Verinha um personagem muito comum naquela época. Seu pai trabalha em alguns locais antes de ingressar na Loja das Pechinchas, até um dia se tornar proprietário. Seguindo o seu exemplo, Verinha também começou a trabalhar desde muito cedo. Para ajudar na renda da família, engraxava sapatos na Rua Sergipe. E já na adolescência começa a trabalhar com o seu pai na Loja das Pechinchas. Mas quando atinge seus 21 anos, ainda seguindo os passos do pai, monta para si uma loja:

[...] foi em 69 quando eu montei minha loja. Sai da, da loja do meu pai, e onde era minha loja, [...] era a Casas Carasawa, uma loja de tecido, que

vendia muito tecido [...]. E eu comecei ali com uma portinha só [...] não tinha dinheiro pra montar um negócio maior e aos poucos trabalhando fui conseguindo comprar mais uma porta, fiquei com as quatro portas dessa loja. (Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, 2015).

Muitas famílias chegam até a cidade de Londrina com esperança de uma nova vida, cheios de expectativas. E a família de Verinha não foi diferente. A fama das terras do norte do Paraná chegava “muito forte” no nordeste. Quando questionado sobre o motivo da vinda da família para Londrina, Verinha nos diz:

[...] pra ganhar dinheiro. Todo mundo falava que o norte do Paraná que era onde tinha dinheiro, terra boa, né? Então foi a decisão do meu pai [...] viemos de pau-de-arara, era um caminhão e acho que tinha umas 10, 12 famílias, né? Não era só o meu pai. (Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, 2015).

E quando é perguntado para o Verinha, se existia alguma pessoa em Londrina preparada para recebê-los na cidade, o mesmo diz que:

[...] não, só por Deus [...] vim pra cá a procura de coisas melhores [...] meu pai trabalhou muito aqui, deu bons exemplos para nós, né? E conseguiu formar os quatro filhos. (Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, 2015).

Foram diversas as etnias que chegaram à cidade e se encontraram na área de comércio. Havia um respeito mútuo entre estes, como conta Verinha:

[...] Nós sempre nos demos bem, principalmente com os turcos, meu pai sempre se deu muito bem com os turcos e a família nordestina que nós tínhamos em programa de televisão, no rádio, a gente patrocinava, então todo mundo sabia que a Loja das Pechinchas era loja de nortistas, então vinha muito nortista na Loja das Pechinchas. (Gilberto Rodrigues da Cruz, o “Verinha”, 2015).

Atualmente, Verinha, é dono de um estacionamento na Rua Sergipe. Segundo o mesmo, esta ali, com este estacionamento, há 14 anos.

Verinha é um personagem da cidade com experiências e lembranças que nos ajudam a compreender como Londrina foi formada. Trouxeram para Londrina não somente sonhos e esperanças, mas sim a sua história pessoal e as habilidades que o colocaram no “coração da Sergipe”, pois sua loja, a loja de seu pai, seu atual estacionamento ficam na Rua Sergipe, tradicional rua de comércio popular da cidade.

Sua entrevista nos indica que é muito mais prazeroso e eficaz reconhecer a memória da cidade por muitos olhares, várias vozes. Isso nos permite imaginar com maior riqueza as tramas e imbricações que determinam a sua identidade. Também nos possibilita compreender o quanto é importante para as pessoas e o historiador no exercício da sua profissão, saber ouvir o outro e reconhecer o múltiplo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla M. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARIAS NETO, José Miguel. O pioneirismo: discurso político e identidade regional. In: Revista Brasileira de História. Vol.14, nº.50. São Paulo: ANPUH, 1994.
- OLIVEIRA, Gisele da Silva. Migrantes nordestinos em londrina: leituras à partir da escola. Londrina, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.
- TOMAZI, Nelson Dacio. “Norte do Paraná” histórias e fantasmagorias”. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

4. ENTREVISTA

4.1. Raimundo Maia Campos Junior

Nasceu em 24/10/1961 na cidade de Quixadá-Ceará. Desembarcou em Londrina, na antiga estação rodoviária planejada por Artigas e Cascaldi.



Raimundo Maia Campos Junior, o Ceará | Foto: Pedro Henrique Cezar

Trechos da Entrevista

"[...]

CEARÁ: Cheguei aqui dia 2 de janeiro de 82[...] a rodoviária era onde é hoje o Museu de Artes e alguns anos depois nós começamos essa festa nordestina. Em maio de 96 nós fizemos a primeira, que aconteceu aqui no Museu Histórico. No segundo ano o Museu Histórico entrou em reformas [...] e transferimos essa festa para a praça Avelino Vieira, ao lado do Com-Tour, por 1 ano, depois foi feita no estacionamento do Com-Tour e em 2000 ela veio aqui pro Museu de Artes, onde ela aconteceu até a 17ª edição[...]"

"[...]

CEARÁ: "A vivência na cidade, né, [...] participava das festas da comunidade japonesa, italiana, as festas alemãs [...] e eu percebi que tem muitos nordestinos, muitos descendentes de nordestinos na região e não tinha uma assim, uma atividade, um evento, pra que as pessoas, principalmente os nordestinos, os descendentes que não tem uma condição financeira de retornar ao Nordeste, pudessem estar matando a saudade das suas, das suas comidas típicas, da religiosidade, da cultura, não é mesmo,

da música, da dança, do folclore, e a ideia foi por ai, para que as pessoas pudessem matar a saudade da sua terra e ao mesmo tempo as pessoas comessem a conhecer, porque naquela época, em 82, eu percebi que havia muito preconceito, então muitos nordestinos que eu conhecia tentavam mudar o sotaque, não diziam, negavam a origem, por conta da questão de preconceito, que havia e que era muito forte [...]"

"[...]"

CEARÁ: Muitos nordestinos que eu conhecia, tentavam mudar o sotaque, não diziam, negavam a origem por conta da questão do preconceito, que havia e que era muito forte. O preconceito acontece por falta do conhecimento. Então acho que só através da informação, da participação, que a gente consegue [...] ter um desenvolvimento harmônico e sustentável [...]"

"[...]"

No início foi um grande sonho, fazer uma coisa grande,... fazer vaquejada[...]"

"[...]"

Existe uma dificuldade muito grande [...] da integração mesmo, da comunidade nordestina... mobilização! Porque às vezes é muito mais fácil mobilizar as pessoas que tem uma estrutura maior, com mais recursos, porque o nordestino vinha pra cá pra ser mão de obra, braçal[...]"

"[...]"

Tivemos momentos fantásticos: trouxemos aqui Ariano Suassuna[...]"

"[...]"

ARYANE: O senhor comentou que não organiza mais?

CEARÁ: Na verdade, eu acredito que temporariamente, [...] existia o sonho, na décima oitava, [...] a festa nordestina iria fazer a maioria e eu tava com uma ideia de fazer uma maratona de forró, pra que as pessoas dançassem por 12 horas sem parar [...], mas não foi possível, na mudança de gestão, e a prioridade dos recursos não foi mais a cultura popular, tivemos algumas dificuldades no projeto, depois de 17 anos, a gente não conseguiu realizar a décima oitava [...] eu desisti de ficar, como diz, dando murro em ponta de faca, mas eu não desisti da festa, a décima oitava edição, se der certo, pro próximo ano, ou agora em 2016 mesmo, se for possível, a gente volta a realizar[...]"

"[...]"

Sendo festa popular, eu não vou restringir o acesso, eu nunca vou querer fazer, pode até fazer um evento, um final de semana, pra trazer um show de renome, cobrando ingresso, mas jamais vou fazer a festa [...] cobrando ingresso pra restringir o acesso, porque ela foi pensada exatamente para os nordestinos com menos condições financeiras[...] É uma festa muito democrática, se você levantar o histórico dela, você vai ver que tem um público... você vê criança de colo, bebezinho sendo amamentado e vê neto trazendo a avó na cadeira de rodas, pessoas de várias idades. Você vai ver do zelador ao Doutor, PhD, todos participando e convivendo no mesmo espaço, no mesmo ambiente, de uma forma bem, bem tranquila, bem harmônica[...]"

"[...]"

ARYANE: Em que época que era essa festa?

CEARÁ: Sempre na semana da Pátria[...]"

"[...]

Tem uma lei aprovada [...] um ex-vereador, Carlos Pinheiros, que era um português, criou a Semana do Nordeste. E aí tem uma lei da Câmara Municipal que institui a Semana do Nordeste e que a Prefeitura teria que fazer um evento, mas ele não acontecia, e aí eu já vinha pensando, em 86 eu comecei a pensar alguma coisa pros nordestinos e aí casou as coisas na época [...] a primeira festa [...] foi [...] em 96. Em 95 essa lei foi, foi promulgada na Câmara [...] a Semana do Nordeste, e é no mês de Agosto, que é o mês do Folclore. Mas aí, pelas dificuldades de sempre ter muita chuva no mês de agosto,... chuva não, frio, né, muito frio, e setembro ter sempre o feriado de Setembro, né, Semana da Pátria [...] e essa data ficou como a data da festa nordestina[...]"

"[...]

ARYANE: o que chamou o senhor pra vir pra Londrina? Tinha alguma propaganda?

CEARÁ: não, na verdade a gente ouvia falar muito de Londrina, na, em 75 já ouvia falar muito, que era a Geada Negra, do ouro verde [...] muitos nordestinos vinham, inclusive eu tinha alguns parentes que tinham vindo pra cá e que estavam aqui[...]"

"[...]

Inclusive eu tive algumas dificuldades pra fazer uma coisa que eu sempre quis fazer, que era pra facilitar a convivência mesmo entre as etnias, entre as diversas culturas da nossa cidade [...] pra que essa convivência ficasse mais interessante, eu resolvi fazer o Dia da Diversidade Cultural. Eu fiz uma edição lá no Com-Tour [...] tive algumas brigas com nordestinos [...] eu coloquei grupos de danças israelitas lá [...] nas duas últimas vezes que a gente realizou [...] nós trouxemos hip-hop, grafite, o pessoal de grafite, tambor japonês [...] duplas de sertanejo raiz daqui da região, então nós fizemos bem diversificado [...] num primeiro momento foi um pouco difícil de as pessoas aceitarem, "Ah, mas na festa nordestina [...] eu vim e vou ouvir esse tipo de música?" Aí, a frase que eu consegui começar a convencer o pessoal e conversar e batia o pé mesmo, né, pro que eu tava fazendo: "Ora, se a gente quer ser aceito assim como nós somos, nós temos que aceitar os outros como eles são, nós temos que conhecer, temos que dar oportunidade, dar espaço, porque você nunca vai gostar do que você não conhece."

"[...] o dia da Diversidade Cultural de Londrina na Festa Nordestina. Isso, retomando a festa, eu quero continuar com isso porque eu acho muito interessante, que venha, é, eu acho que vem só ajudar no meu objetivo inicial de criar o evento, que é de promover a união e eliminar o preconceito, né, qualquer tipo de dissimulação, preconceito, é muito, é muito negativo e é muito destrutivo, pra qualquer comunidade[...]"

"[...]

Teve um ano que um estagiário de, do curso de turismo, se eu não me engano, ele fez um levantamento, em média 20, 30.000 pessoas durante os 4 dias aqui no Museu de Artes. Porque durante o dia do feriado e o sábado e o domingo ia do meio-dia a meia-noite, então é uma festa que tem uma rotatividade muito grande. As pessoas iam passando, pra ir do balcão da Rio de Janeiro até o balcão da São Paulo [...] a pessoa demorava quase meia-hora[...]"

"[...]

Quando começava a festa, aí eu me divertia! Bebia cachaça com um, com outro, comia buchada, subia no palco com as bandas que iam tocar, subia e cantava junto com eles, [...] recepcionando as pessoas, conversando, atendendo a imprensa, quem quisesse conversar, dar informação, ouvindo reclamação, né, que sempre tem [...] e a minha esposa ficava mais cuidando da parte organizacional[...]"

"[...]"

ARYANE: o senhor tem alguma mensagem pra deixar que ache interessante?

CEARÁ: que as pessoas é, busquem antes de, de, de dar, antes de menosprezar, antes de, de ignorar, busque conhecer, né, a nossa diversidade, você olha pro mundo hoje, a questão dos, desses conflitos que existe por aí, né, o drama dos refugiados de vários países e todos esses países tem pessoas aqui no Brasil e apesar, apesar disso a gente tem manifestações racistas[...]"

"Muitos nordestinos que se escondiam, depois que começaram a participar da festa, começaram a ter orgulho de dizer de onde veio, né, porque não é crime, não é, e é um direito."

CEARÁ, Raimundo M. C. Jr., pseud. *Depoimento*. Londrina: 2016. Entrevista coordenada pelos estagiários do Museu Histórico de Londrina, Aryane Kovacs Fernandes e Pedro Henrique Cezar. Transcrição: Pedro Henrique Cezar. DVD pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina.

5.1. As associações de amigos de museus seguem normativa do IBRAM/MINIC

O Instituto Brasileiro de Museus, vinculado ao Ministério da Cultura (IBRAM/MINIC), publicou em 2011 a Instrução Normativa nº 1, referente às associações de amigos de museus integrados à rede IBRAM. A orientação do IBRAM se baseia na Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto de Museus e dispõe sobre critérios que definem as relações entre esses museus e suas respectivas associações de amigos.

A partir da publicação da Instrução Normativa nº 1, as associações de amigos de museus ficaram condicionadas ao prévio reconhecimento por parte do IBRAM, que passou a adotar requisitos mínimos para sua aprovação, como ser entidade da sociedade civil sem fins lucrativos e ter como finalidade exclusiva "o apoio, a manutenção e o incentivo às atividades dos museus a que se refiram".

Entre os requisitos mínimos para o reconhecimento de associações de amigos de museus estão:

- I - ser sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída na forma da lei civil;*
- II - constar em seu instrumento de criação ou constituição, como finalidade exclusiva, o apoio, a manutenção e o incentivo às atividades dos museus a que se refiram, especialmente aquelas destinadas ao público em geral;*
- III - não haver restrição à adesão de novos membros, pessoas físicas ou jurídicas;*
- IV - ser vedada a remuneração dos componentes da diretoria. (Art. 2º)*

Para a manutenção do ato de reconhecimento, as associações de amigos de museus deverão atualizar a sua documentação e encaminhar ao IBRAM, até o mês de maio de cada ano, relatório a respeito de sua arrecadação e aplicação dos seus recursos financeiros: "apresentar ao IBRAM os seus balanços, acompanhados do relatório de atividades, até o último dia útil do mês de maio de cada ano".

Desde então as associações passaram a encaminhar ao Ibram/MinC um Plano Anual de Atividades, contendo planos, projetos e ações a serem realizados no decorrer do ano para aprovação do IBRAM. Esse Plano Anual leva em conta os Planos Museológicos dos museus aos quais estão ligadas.

Mais informações podem ser obtidas no endereço: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/Instrucao-Normativa-01.pdf>

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título;
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave - até 6 palavras;
- Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT(contendo somente obras citadas no texto);
- Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.

2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução,tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina

Fone: (43) 3323-0082 | bibmuseu@uel.br

Curadoria

Profª Drª Regina Célia Alegro

Secretaria

Cesar Augusto de Poli

Auxiliares Operacionais

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

Ação Educativa

Regina Célia Alegro

Edeni Ramos Vilela

Biblioteca e Documentação

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Comunicação Social

Barbara Daher Belinati

Imagem e Som

Célia Rodrigues de Oliveira

Rui Cabral

Objetos Tridimensionais

Auxiliar: Amauri Ramos da Silva

Estagiários

Aryane Kovacs Fernandes

Ellen Kiwa Duarte Tsujioka

Fabiola Ferro da Silva

Felipe Augusto Leme de Oliveira

Higor de Melo e Silva

Jaqueline dos Santos

Juliana Souza Belasqui

Leticia Fontana

Luana Martina Magalhães Ueno

Lucas Felipe Vaz

Pedro Henrique Cezar

Ruan Lucas Marciano

Taiane Vanessa da Silva

Thiago Machado Garcia

.....

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 :: Centro, Londrina - PR

CEP 86010-350 | Tel (43) 3323-0082 | museu@uel.br



Exposição Terras do Norte: 90 anos | Foto: Rui Cabral

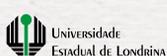


Feira DOBRA de Arte Impressa | Fotos: Rui Cabral

Financiamento



Realização



Apoio

